

AS CRÔNICAS DE CARLOS JOSÉ DO ROSÁRIO NA *REVISTA POPULAR* (1859-1862): O RETRATO DA VIDA CULTURAL NO BRASIL DE OITOCENTOS

Marcella dos SANTOS

Introdução

A *Revista Popular* circulou no Brasil entre 1859 e 1862. Foi publicada pela editora Garnier, completando 16 tomos durante todo o seu período de circulação.

Dentre a diversidade de assuntos apresentados no periódico do empresário parisiense Baptiste Louis Garnier (1823-1893), a seção “Crônica da Quinzena” é a que se destaca na difusão das manifestações sociais e artísticas do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX.

Essa coluna da *Revista* revela um dado curioso: num momento em que a imprensa compartilhava o anseio de afirmação da nacionalidade de nossa literatura, propagado pelo Romantismo, a crônica, gênero literário e jornalístico, analisava a efervescência cultural da sociedade carioca, sob o crivo das tendências estrangeiras, sobretudo francesas.

Para compreendermos a importância dessa coluna, propomos o resgate do papel exercido pela crônica no Brasil, bem como a identificação dos destinatários da seção “Crônica da Quinzena”, da *Revista Popular*.

A Crônica : história, definição e destinatários

A crônica surgiu no Brasil em meados do século XIX, quando o jornal tornou-se cotidiano e de teor mais acessível. Antonio Candido, em *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*¹, afirma que esse tipo de texto poderia ser considerado um gênero brasileiro, pela naturalidade e originalidade com que aqui se aclimatou e se desenvolveu.

Antes de assumir a forma que conhecemos atualmente foi folhetim – artigo de rodapé sobre as questões cotidianas (políticas, sociais, artísticas e literárias). Esse modelo era emprestado do *feuilleton* francês. Aos poucos, porém, encolheu de tamanho e assumiu um tom ligeiro até chegar à fórmula moderna, que apresenta um tom humorístico e poético.

A propagação desse gênero textual, já na segunda metade do século XIX, pode ser comprovada com as palavras de Carlos José do Rosário, possível primeiro cronista da seção “Crônica da Quinzena”, da *Revista Popular*:

A crônica é hoje uma necessidade a que não pode furtar-se nenhuma publicação literária e, ainda menos, aquela que se dirige a todas as classes, a todos os gostos, a todas as inteligências, a todos os interesses, que será procurada pela dama elegante, pelo grave estadista, pelo negociante, pelo poeta, por todos que, depois de satisfeitas as exigências da matéria, sentem ainda uma nova necessidade, tão forte, tão justa, tão natural como aquelas – a da ilustração ou de recreio para o espírito².

Caracterizada como registro circunstancial feito por um narrador-repórter que relata fatos a um público determinado, a crônica pode ser considerada uma soma de jornalismo e de literatura. Assim, um dos pressupostos para a sua existência é justamente o grupo de leitores ao qual se dirige o cronista no momento da produção desse tipo de texto.

Inicialmente, quando eram publicadas somente em jornais, as crônicas estavam sujeitas à ideologia dos periódicos, que corresponde ainda hoje aos interesses do estrato social ao qual pertencem os seus consumidores.

Esse fato é evidente na seção “Crônica da Quinzena”, que, apesar de objetivar a conquista de um público amplo, expôs com freqüência os anseios da elite do Rio de Janeiro naquele período:

Falaremos de teatros, de música, de modas, de literatura; repetiremos a conversa dos salões, a anedota colhida entre duas mesuras dos *Lanceiros*, a novidade surpreendida nos bastidores, a biografia de um artista, a história de um livro, os amores e sonhos de um poeta, os escrúpulos de um deputado novato; analisaremos juntos a comédia nova, a artista que estréia, a mulher sob o peso do seu *balão*, o homem através do seu *plaid*, o acontecimento do dia, o baile da noite, o segredo murmurado ao ouvido, o boato que corre pelas ruas, a notícia curiosa que nos manda a Europa; aplaudiremos toda a conquista da civilização e da liberdade, o talento que desperta, o mérito que se oculta (...) ³.

Essa apresentação dos objetivos da referida seção comprova que os boatos sobre os bailes, as últimas tendências da moda e as estréias nos teatros, relatados na “Crônica da Quinzena”, só poderiam ser interessantes à classe social que possuía os recursos necessários para desfrutar das oportunidades de lazer e cultura disponíveis na corte brasileira. Assim, inferimos que foram esses os destinatários das crônicas publicadas na *Revista Popular*.

Crônica da Quinzena: retrato social e cultural da corte brasileira

As manifestações artísticas e sociais do Rio de Janeiro, no decorrer dos quatro anos em que circulou a *Revista Popular* (1859-1862), foram o alvo dos cronistas que aí escreveram.

Como o presente trabalho restringiu-se às crônicas de Carlos José do Rosário (1824-1885), nossa discussão versará sobre a produção desse possível colaborador da coluna em questão, entre 4 de janeiro de 1859 e 1º de novembro de 1861.

Como observador, relator e crítico das novidades da sociedade fluminense, Carlos escreveu sobre diferentes temas, dentre os quais destacamos dois que nos iniciam na investigação acerca dos costumes desse período – a moda e a mudança de comportamento, e outros dois que mapeiam a vida cultural carioca de Oitocentos – o teatro e a música.

A moda, como assunto reservado ao público feminino, mereceu lugar de destaque na *Revista*.

Gilda de Mello e Souza, em seu estudo *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*⁴ oferece-nos dados relevantes para a compreensão dessa temática no contexto histórico e social de Oitocentos. A autora destaca a fugacidade da moda como consequência da competição gerada pela difusão desse fenômeno em todas as camadas sociais naquele momento.

Carlos José do Rosário apresentou, na maior parte de seus textos, os últimos figurinos de modas, trazidos pelo pacote inglês diretamente de Paris. Aliás, reconhece o papel exercido pela França como antigo e soberano centro irradiador das novas tendências nesse período:

Como não ignorais, tudo hoje se vai reformando, menos o antigo hábito de acompanharmos de longe a França nas suas loucuras, acobertadas sob a palavra mágica – moda. Debalde tem aparecido quem queira regenerar os costumes americanos; debalde uma ou outra pessoa desinteressada tem pretendido nacionalizar os trajes, adaptá-los às estações, se é que entre nós, elas se tornam distintas, a França, e sobretudo Paris, não cede um palmo do terreno habilmente conquistado, e todos os dias os armazéns da rua do Ouvidor e da Quitanda, expõem novos produtos de uma indústria sempre crescente e do mais desenvolvido gosto⁵.

O cronista, ao tentar convencer as leitoras de que não seria elegante ir a um baile com a roupa da última estação, nos fornece a prova de que a mudança dos estilos em voga na corte ocorria em espaços de tempo cada vez mais breves. Aproveita, em suas sugestões de figurinos, para divulgar as casas de fazendas e acessórios de moda do Rio de Janeiro. As que cita no trecho a seguir são recorrentes em suas crônicas:

Seja como for, minhas leitoras, nenhuma só dentre vós quererá apresentar-se na Phil'Euterpe ou no Clube com um vestido, que fez a sua estréia na estação passada; a moda repele semelhante economia, e nada há menos gracioso do que fazer oposição à moda. Além disso, as costureiras precisam ganhar o pão cotidiano; as casas de Lacarrière, Seurat, Dazon, Vallerstein, Décap e tantos outros, muniram-se convenientemente dos mais primorosos tecidos apropriados à quadra

que atravessamos, e convém dar-lhes a devida extração; as modistas receberam novos figurinos, e estes não devem ter a sorte infeliz dos que foram importados para os bailes carnavalescos⁶.

É necessário destacar que entre os assuntos reservados ao público feminino, Carlos José do Rosário julgou importante informar às leitoras, além das novidades da moda, as reivindicações das mulheres em outros cantos do mundo. Reconhece mais uma vez o papel da França como nação exportadora de costumes, ao referir-se à mudança de comportamento de operárias francesas e às possíveis repercussões de tal fenômeno no Brasil:

As mulheres empregadas nas fábricas de Lyon e de Lille reuniram-se em massa, e dirigiram uma petição solene aos pais da pátria, com a qual requisitavam que se impusesse especial e forte muleta a todo o homem, que, não sendo padre ou soldado, chegasse à idade de quarenta anos sem se deixar prender pelos vínculos do matrimônio. (...) Não sei em que bases se firmam as peticionárias, sejam elas porém quais forem, não resta a menor dúvida de que, se a petição for atendida, todos os departamentos franceses quererão obter igual privilégio; da França, que é o espelho da maioria das nações, será a medida exportada para os países que a imitam, e infalivelmente virá ela parar ao Brasil, onde obterá o acolhimento de uma novidade útil⁷.

Quanto à vida cultural da capital do Segundo Império, destacamos o relato e a apreciação crítica feita pelo cronista acerca das apresentações cênicas e musicais, que ocorriam nos teatros da corte.

Antonio Giron, em sua obra *Minoridade Crítica: a ópera e o teatro nos folhetins da corte*, comenta a importância dos periódicos e das crônicas neles publicadas como instrumento para a investigação da música nesse período. Segundo esse estudioso, a crítica musical não foi exercida de modo sistemático no Brasil de Oitocentos:

Partiu de manifestações fragmentárias e se ocupou mais das polêmicas do momento do que da especulação estética. É filha da digressão dos folhetins, rodapés dos jornais que se dedicavam à cobertura crítica dos eventos da cidade e a publicar narrativas seriadas. (...) ⁸.

De fato, as referências feitas por Carlos às apresentações musicais da corte não podem ser consideradas apreciações especializadas. São antes impressões pessoais que o cronista remete aos seus leitores quinzenalmente, ao exercer seu papel de observador das novidades e formador de opinião:

Durante a quinzena repetiu-se a *Norma*, a *Lucrezia*, o *Riguleto*, a *Traviata* e o *Barbeiro de Sevilha*. Em qualquer destas partituras, bem como na *Lúcia*, escusado é dizer-vos que coube a palma à Sra. de La Grange. Arnaud disse bem o seu papel no *Riguleto*; porém, embora tratasse se imitar as pisadas do Butti, não conseguiu acompanhá-lo na bela interpretação por aquele dada ao singular personagem. A Sra. Borghi esqueceu-se do seu recado no 4º ato; reduziu por isso um quarteto a dueto, e obrigou o Comolli a meter a viola no saco⁹.

Com relação à atuação de companhias teatrais estrangeiras, frente à incipiente organização do teatro brasileiro naquele período, Décio de Almeida Prado, em sua *História concisa do teatro brasileiro: 1570-1908*, observa:

Se o teatro nacional jamais soube ou teve forças para se organizar, de modo a caminhar para frente, já o mesmo não se dirá de elencos estrangeiros em terras do Brasil. (...) No verão europeu, que coincidia com o inverno ao sul do Equador, os atores dramáticos ou cantores líricos franceses e italianos em férias, uniam-se em grandes companhias, encabeçadas por duas ou três celebridades, partindo para a conquista dos pontos extremos do mundo ocidental – Rússia, Estados Unidos, América do Sul¹⁰.

Por isso, eram comuns, no Ginásio Dramático e nos teatros São Pedro, Lírico e São Januário, apresentações oferecidas por atores ou cantores estrangeiros. Destacamos o comentário feito por Carlos a respeito de uma peça representada pela companhia francesa de teatro:

Donnez aux pauvres é uma excelente comédia em 2 atos, há tempos representada no teatro de S. Januário pela companhia francesa; seu enredo desenvolve-se naturalmente, com muito espírito, muita vivacidade, e prende a atenção do espectador até que seja pronunciada a última frase¹¹.

Notamos que desde a década de 30, sobretudo após a abdicação de D. Pedro I, essa influência da França marcou a organização do teatro nacional em Oitocentos, graças à substituição gradual da tutela de Lisboa pela de Paris nesse processo.

Tal era a confiança dos intelectuais brasileiros nessa tutela, que a salvação da imagem de um teatro, onde se apresentavam cantores e atores da capital do Império, dependia, segundo o cronista, da aprovação de um perito francês:

Treféu, o dramaturgo que ultimamente apareceu em Paris, foi convidado por alguns amigos do teatro lírico para vir de passeio a esta corte, trazendo consigo os seus piscos, cardeais e canários, a fim de saber-se ao certo o que convém administrar ao miserando enfermo. (...) Prepara-

se de modo a tirar-nos da incerteza em que vivemos, isto é, se temos ou não teatro lírico¹².

Considerações finais

Consideramos a análise dos aspectos aqui estudados o ponto de apoio para o confronto que defendemos entre as tendências importadas, presentes no discurso do cronista Carlos José do Rosário, e as manifestações de afirmação nacional feitas pelos intelectuais desse período. Dentre eles encontramos Joaquim Norberto de Sousa e Silva com a sua projetada História da Literatura Brasileira, cujos capítulos também foram publicados na *Revista Popular*.

Notas

- ¹ Candido, Antonio (et al.). **A Crônica** - o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas/Rio de Janeiro: Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 15.
- ² **Revista Popular**: noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical, etc. Tomo I. Rio de Janeiro: Garnier, 1859, p. 56.
- ³ Idem.
- ⁴ Souza, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 21-22.
- ⁵ **Revista Popular**: noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical, etc. Tomo I. Rio de Janeiro: Garnier, 1859, p. 57.
- ⁶ Idem. Tomo II, 1859, p. 183.
- ⁷ Idem. Tomo V, 1860, p. 382.
- ⁸ Giron, Luís Antônio. **Minoridade crítica**: a ópera e o teatro nos folhetins da corte. Rio de Janeiro: Ediouro-Tecnoprint, 2004, p. 15.
- ⁹ **Revista Popular**: noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical, etc. Tomo II. Rio de Janeiro: Garnier, 1859, p. 388.
- ¹⁰ Prado, Décio de Almeida. **História concisa do teatro brasileiro**: 1570-1908. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial, 1999, p. 141.
- ¹¹ **Revista Popular**: noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical, etc. Tomo II. Rio de Janeiro: Garnier, 1859, p. 388.
- ¹² Idem, p. 253.